

"La Belle: A criação de uma fonte baseada na *Belle Époque* paraense"¹

Renan Luz BARRETO²

Ricardo Harada ONO³

Resumo

O presente artigo tem por objetivo dar linhas gerais sobre o processo do trabalho de conclusão de curso “La Belle: a Criação de uma Fonte Baseada na *Belle Époque* Paraense”, desenvolvido por Renan Luz Barreto e orientado pelo Professor Msc Ricardo Harada Ono. Para tanto foram expostos de forma resumida os motivos que levaram o autor à pesquisa, os principais pontos pesquisados e o processo de criação da fonte, utilizando para tanto autores de várias linhas de pesquisa como Lupton (2013) e Clair (2009) sobre tipografia e Sarges (2002) e Soares (2008) sobre história do Pará.

Palavras-Chaves: Tipografia; *Belle Époque*; Design de Tipos; Publicidade e Propaganda; Design de Marcas;

1 Introdução

O design de tipos é um assunto que tem uma íntima relação com a comunicação, através dele é possível chegar, por exemplo, à questão editorial de um jornal ou à criação de marcas. Sendo assim, a tipologia é uma parte importante do ensino em comunicação, se fazendo necessária uma compreensão de suas possibilidades ao longo da graduação de um comunicólogo.

Entretanto, o assunto apesar de ser bastante vasto foi tratado de uma forma superficial durante o curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará, sendo ministrado juntamente com outros assuntos tão importantes quanto, como cor e composição, ao longo de apenas um dos laboratórios, o de Mídias Impressas I.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Publicidade e Propaganda, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado no curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará. E-mail: renan_luz92@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da UFPA. E-mail: ono_redline@hotmail.com

Ao detectar essa lacuna na formação, o autor busca interagir de forma mais direta com o assunto, através do projeto de criação de uma fonte, esta por sua vez é baseada no período conhecido como *Belle Époque* paraense. Ao longo do artigo o autor descreve o suas motivações para a pesquisa, suas linhas de estudo e o processo de criação da fonte *La Belle*, bem como seus desdobramentos e produtos.

2 Motivações para a Pesquisa

A tipologia está arraigada à algumas das principais áreas da publicidade, como a criação de marcas e a editoração gráfica. É aprendido ao longo da graduação que o modo como a mensagem é transmitida, as vezes, é até mesmo mais importante do que a mensagem em si, para tanto cores, formas, tipografia, mídia etc são de extrema importância para a transmissão eficiente da ideia. Todos esses conceitos foram explorados principalmente ao longo do Laboratório de Mídias Impressas I. Mesmo sendo assuntos bastante extensos e importantes para a vida profissional de publicitários, bem como tendo vários meandros, estes assuntos foram tratados de forma pouco aprofundada, muito em decorrência da grande quantidade de matérias que têm que ser apresentadas e aplicadas ao longo da formação em Publicidade.

“Eles (*os tipos*) são um recurso essencial empregado por designers gráficos, assim como vidro, pedra, ferro e inúmeros materiais são utilizados por arquitetos” (LUPTON, 2013, p. 9). A tarefa de combinar tipos com outros tipos e/ou imagens é bastante trabalhosa, é necessário que a fonte escolhida harmonize com os outros elementos em um *layout*, para tanto, em geral, diretores de arte, designers e outros profissionais da área possuem uma vasta biblioteca de tipos, que podem ser trabalhados em diferentes abordagens e trabalhos.

A tipografia é capaz de trazer identidade ao projeto, partindo de um pressuposto, o designer deve buscar o tipo que melhor combina com a proposta. Porém, um esforço menor pode ser empreendido caso o profissional já possua um conhecimento acerca das fontes que utiliza, como por exemplo movimento artístico ao qual ela se relaciona.

“O uso eficiente dos tipos começa com a compreensão de suas propriedades intrínsecas, com o conhecimento profundo de como essas particularidades podem ser manipuladas, e de como essa manipulação por sua vez, afeta as propriedades dos tipos.”
(SAMARA, 2011, p. 12)

Objetivando essa melhor compreensão da tipografia e suas propriedades foi então iniciada uma pesquisa na área, inicialmente de forma teórica, através de livros, artigos, vídeos sobre o assunto etc, e posteriormente de forma prática, através de cursos, *workshops* e treinamento autodidata. Uma vez que a graduação não disponibiliza uma matéria exclusiva para o estudo de tipos, o estudo se tornou inicialmente bastante independente, mesmo antes da pesquisa para o TCC, porém ainda sem um rumo definido, se focando em subdivisões mais gerais do tema, como construção e como as letras são identificadas mesmo com desenhos diferentes, formando uma base mais sólida para a análise mais focada no futuro.

Com o tempo, a decisão de desenvolver uma fonte digital se consolidou e guiou o projeto para o trabalho de conclusão de curso. Assim, buscou-se uma ligação entre a tipografia e a cidade de Belém, de forma que não fosse tão óbvia e ainda assim a representasse. Logo foi identificado uma característica em comum dentro da cidade: boa parte dos pontos turísticos da cidade, como o Ver-o-Peso, a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, o Theatro da Paz e grande parte do centro histórico, foi erguida entre as décadas de 1870 e 1910, período que ficou conhecido como a *Belle Epoque* Paraense. Esta fase é bastante marcante na cidade, uma vez que muitas benfeitorias desenvolvidas na época ainda podem ser encontradas atualmente, como as primeiras galerias de esgoto, a abertura de ruas mais largas, chamadas de *boulevards*, além de grandes prédios públicos com arquitetura marcante da época, como o Palácio Antônio Lemos, atual prefeitura da cidade e museu de arte do estado, e o Mercado de São Braz.

Porém uma fonte inspirada em algo alheio a questão da leitura não é algo que possa ser considerado recente, uma vez que é possível encontrar referências do tipo mesmo antes de a tipografia ser difundida, como quando Ellen Lupton cita o humanista francês Geoffroy Tory ao falar da letra A: “a barra transversal cobre o órgão reprodutivo masculino, significando que modéstia e castidade são requeridas, acima de tudo,

daqueles que procuram conhecer letras bem proporcionadas” (TORY *apud* LUPTON, 2013, p. 12).

Baseado neste conceito, passou-se então para a fase de pesquisas mais aprofundadas em três frentes: a origem e desenvolvimento da escrita e da tipografia até os dias atuais, no qual pretendeu-se entender a origem das letras e como elas evoluíram e se relacionam; a origem e desenvolvimento da cidade de Belém do Pará até a *Belle Époque*; e processos de criação e construção de tipografias, onde buscou-se entender a técnica para o desenvolvimento de novos tipos.

3 A Realização da Pesquisa

3.1 Origem da Escrita e do Alfabeto

Para entender a escrita e seus signos, sejam eles letras, números ou ideogramas, foi necessário primeiramente entender o que poderia ser de fato considerado a escrita. Neste ponto do estudo foram utilizados diferentes pesquisadores para alguns dos assuntos intrínsecos ao tema, mas principalmente Kate Clair (2009) e Charles Higounet (2003) para a história da escrita e Joaquim da Fonseca (2008), Ellen Lupton (2013) e novamente Clair como referências de história da tipografia.

Clair (2009) aponta que as primeiras formas de escrita surgiram por volta dos anos 4.000 a.C. na região da Suméria, atual Iraque, em forma de pictografia⁴, onde palavras inteiras eram representadas por símbolos. É importante anotar que alguns pesquisadores podem considerar as pinturas rupestres escrita, entretanto, os autores utilizados ao longo da pesquisa não as consideram, assim iremos seguir as definições desses pensadores.

“A ideia pura e simples de uma ideia em forma visual não pode ser considerada alfabeto. Por exemplo, as pinturas nas cavernas de Lascaux, na França, que datam de aproximadamente 30.000 a 12.000 anos atrás comunicam a forma de animais mas não as qualificam como comunicação pictográfica. Devido ao fato de que elas não têm sentido

⁴ Sistema primitivo de escrita em que se exprimiam as ideias por meio de cenas figuradas ou simbólicas.

como um sistema codificado de símbolos padronizados e não são usadas repetidamente de modo consistente e padronizado(...)" (CLAIR, 2009, p.13)

Charles Higounet (2003), chama esses registros de "escrita sintética", já que “um sinal ou um grupo de sinais serviu para *sugerir* uma frase inteira ou as ideias contidas numa frase” (*ibidem*, 2003, p. 13, grifo nosso), ou seja, só é considerada escrita - pictográfica, fonética, alfabética etc - quando elas podem ser traduzidas de uma forma linear, lógica e universal.

Em seu livro "Manual de Tipografia: a história, as técnicas e a arte", Clair (2009) registra que posteriormente aos registros sumérios, surgiram novas formas de escrita, como o cuneiforme⁵ (aproximadamente 3100 a.C.) e hieróglifos egípcios⁶ (aproximadamente 3000 a.C.), até o surgimento do primeiro alfabeto, o fenício, que por sua vez deu origem ao grego e em seguida o romano (latino), que é o utilizado atualmente em grande parte do ocidente. O Alfabeto latino até então era constituído apenas do que atualmente conhecemos como letras capitais ou maiúsculas e assim permaneceu até que por volta do séc. III d.C. surgiu em terras celtas a escrita uncial, dando origem a uma mistura nas escritas, o que tornou-se a atual diferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas.

Para Higounet (2003) durante o império de Carlos Magno, a forma de escrever foi unificada em todo o Império Romano por meio de um consenso entre os eclesiásticos, sobretudo os do estúdio de Córchia, essa forma ficou conhecida como escrita Carolíngia e foi quase absoluta entre os monges copistas, até o surgimento da escrita Negra⁷, no séc. XIII. Por volta do séc. XII, com o impulso do comércio, a escrita precisou ser feita de forma mais ágil e assim se deu início à diferenciação entre letra de fôrma e letra cursiva.

Clair (2009) registra que no ano de 1438, Johann Gutenberg se junta com o ourives Johann Fust em um projeto que gerou a primeira versão da prensa com tipos móveis. A prensa de Gutenberg foi uma revolução, tornando a produção em massa de

⁵ Designação geral dada a certos tipos de escrita feitas com auxílio de objetos em formato de cunha.

⁶ Tipo de escrita pictográfica formal geralmente usada em túmulos e templos no antigo Egito.

⁷ Tipo de letras utilizadas nos antigos manuscritos europeus, sobretudo na região da atual Alemanha. (CLAIR, 2009)

livros economicamente viável, uma vez que os tipos móveis eram passíveis de um infinito número de organizações, reduzindo gastos com material e de tempo. Essa invenção também contribuiu para a fixação das línguas, já que de acordo com a região os livros eram escritos de formas diferentes e isso fazia com que as línguas se diferenciasssem bastante em um pequeno espaço geográfico, com a prensa, uma grande quantidade de livros podia ser impressa de uma mesma forma e distribuídos em várias regiões, com pouca ou nenhuma variação linguística.

Para Fonseca (2008) foi a partir de então que a tecnologia começou a andar de mãos dadas com a tipografia, passando pelas máquinas de escrever e linotipos durante a revolução industrial, pelas impressoras *offset*⁸ e fotolitos⁹ no séc. XX, até chegar aos atuais computadores pessoais e seus sistemas WYSIWYG (“What you see is what you get”)¹⁰. Este último pode ser considerado um passo gigantesco na produção tipográfica, uma vez que a possibilidade de experimentação digital trouxe uma grande agilidade aos processos, era possível ver o resultado final do produto antes mesmo de ele ser produzido de fato, facilitando correções e novas possibilidades ao meio.

“O aparecimento, em 1984, do computador Macintosh, da Apple, desencadeou uma febre pelo uso e conhecimento da tipografia. (...) Com sua interface gráfica e facilidade de uso, que possibilitou, junto com os programas PageMaker e QuarkXPress, o nascimento do conceito da auto-edição. Logo *designers* cobriram as possibilidades desse sistema em matéria de rapidez, economia e controle. Seu uso se estendeu rapidamente, ao mesmo tempo em que apareciam novos periféricos sofisticados e práticos, como o escâner, que possibilitavam a introdução dos diversos elementos do desenho nesse novo fluxo de trabalho digital.” (FONSECA, 2008, p. 73)

Atualmente essa tecnologia é a mais utilizada, com formatos digitais nativos para a tipografia, como o *OpenType*¹¹ e o *TrueType*¹², isso permite a ampla distribuição

⁸ O nome *off-set* - fora do lugar - vem do fato da *impressão* ser indireta, ou seja, a tinta passa por um cilindro intermediário (blanqueta) antes.

⁹ Pedra ou placa de metal fotolitografada para impressão ou para gravação de matriz.

¹⁰ Em português “O que se vê é o que se obtêm”. Essa tecnologia permitiu aos *designers* terem uma informação precisa antes da impressão, já que até então as formas dos tipos exibidos na tela do monitor eram diferentes das formas obtidas nas impressoras. (FONSECA, 2008)

¹¹ *OpenType* é um formato de fontes de computador escalável, inicialmente desenvolvido pela Microsoft, e mais tarde em cooperação com a Adobe Systems.

das fontes em todo o mundo, muitas delas de forma gratuita, através de portfólios pessoais ou sites especializados no assunto.

3.2 A cidade de Belém: antes e durante a *Belle Époque*

A formação histórica de Belém também foi de suma importância para o desenvolvimento do projeto, somente assim é possível entender os processos que levaram até o surgimento e consolidação da *Belle Époque*, que até hoje ainda é bastante marcante na cidade. Para tanto foram usados principalmente dois referenciais, as historiadoras Maria de Nazaré Sarges (2002) e Karol Gillet Soares (2008), ambas paraenses.

Em seu livro "Belém: riquezas produzindo a *Belle Époque* (1870-1912)", Sarges (2002) expõe o trajeto da formação da cidade, desde a sua fundação em 1616 até a sua consolidação como uma cidade, por volta da década de 1840 devido ao intenso fluxo de mercadorias oriundas do interior da atual região norte do Brasil. Esse comércio intenso gerou também uma grande imigração de pessoas, uma vez que era necessária mão de obra para suprir a grande quantidade de trabalho gerado ao redor do comércio. Boa parte desse fluxo de dinheiro na cidade girava em torno da exploração, comercialização e exportação da borracha, que ganhou força graças ao processo de beneficiamento do látex desenvolvido por Charles Goodyear, a vulcanização¹³.

Sarges (2002) ainda destaca que no sistema de exploração vigente à época, nomeado de aviamento¹⁴, os elos mais fracos da cadeia produtiva, os seringueiros, eram extremamente pobres, enquanto no outro extremo as oligarquias se fortaleciam e davam origem a uma elite que ficou conhecida como "Coronéis da Borracha". Como forma de manter este sistema vigente, os Coronéis se posicionavam à frente dos negócios públicos e também buscavam uma melhor qualificação, muitas vezes enviando seus filhos para estudar no Rio de Janeiro, capital do império e posteriormente da república,

¹² Fontes *TrueType* são um tipo de fonte desenvolvido pela Apple Computer no fim da década de 1980 com um competidor para as fontes *Type 1* da Adobe em *PostScript*.

¹³ O processo de vulcanização consiste na adição de enxofre à borracha, através de aquecimento, deixando a borracha mais resistente e durável.

¹⁴ Cadeia de fornecimento de mercadorias a crédito, cujo objetivo era a exportação da borracha.

e na Europa, formando políticos e burocratas. Essa formação intelectual contribuiu para o crescimento do número de profissionais liberais na capital e a introdução de novos hábitos, como a frequência em teatros e cinemas, luxos que na época se restringiam à pessoas ricas e vistas como cultas.

“Para seu entretenimento, mandavam buscar companhias artísticas na França, em Portugal e Rio de Janeiro, que fizeram época no Teatro da Paz. [...] Em decorrência desse *vaudeville*, surgem inúmeras casas de diversões, como o Café Chic, Café da Paz (local preferido de reuniões para discussão política), Moulin Rouge, Chat Noir, Café Madri e Café Riche, este último considerado um dos principais centros da sociedade paraense.” (SARGES, 2002, p. 82 e 83)

Com isso um intenso processo de construção de edifícios mantinha esse status social da elite, como teatros, cafés, cinemas, entre outros. Processo esse que se intensificou ainda mais com a proclamação da república, o que levou o Senador Antônio Lemos à intendência de Belém. Durante esse período, Lemos iniciou um processo de limpeza da cidade, por limpeza, nesse caso, entende-se mais que a varrição e retirada de entulho das ruas, mas também a criação de um complexo código de conduta sob o qual os moradores deviam se portar em público (SARGES, 2002). Durante a intendencia de Lemos foram construídas redes de esgoto, ruas foram pavimentadas, pântanos foram drenados etc, objetivando um “aformoseamento” da cidade e para mantê-lo, o Intendente criou mecanismos como aumento da fiscalização, a polícia municipal e as leis e posturas municipais. Em meio a todas as regras que deveriam ser seguidas pelos moradores de Belém, existiam muitas leis que implicavam diretamente na construção das casas, seguindo um estrito código que se estendia desde o material com o qual as habitações deveriam ou não ser construídas, até alturas máximas dos prédios.

“As casas não seriam mais vistas como simples habitações. mas um dos principais símbolos de modernidade da *Belém da Belle-Époque*, por isso, tornou-se importante para o poder público retirar do núcleo central, tudo aquilo que pudesse contradizer com o seu projeto de modernização. De um modo geral, isso significou a retirada de casas que não correspondessem com a nova estrutura urbana [...]” (SOARES, 2008, p.70)

Este conjunto de leis foi desenvolvido pelo intendente para que a estética da "Belém Moderna" não ficasse restrita a esfera pública, mas se expandisse, ao menos aparentemente, à esfera civil privada. Soares (2008) ressalta a mistura das influências que se fizeram presentes nas casas da época. De forma mais ampla, podemos destacar três influências de países sobre a arquitetura da época: a portuguesa, remanescente do período colonial; a inglesa, que possuía forte controle econômico na cidade; e francesa: escola de formação de boa parte dos arquitetos brasileiros que foram estudar fora do país.

Apesar de em sua pesquisa Soares (2008) definir a arquitetura da *Belle Époque* de Belém como "ecclética" devido à essa variedade de referências, a influência francesa, talvez, seja a que mais se faz presente de uma forma geral na arquitetura da cidade. Em primeiro lugar, pelo fato de o país ser o destino de boa parte dos jovens que iam estudar fora, principalmente cursos ligados às artes aplicadas. Paris era, e ainda é, um dos principais pólos culturais do mundo, influenciando hábitos da elite burguesa de Belém, transferindo-os, inclusive, para a arquitetura. O movimento *Art Nouveau* estava em pleno auge e tinha sua origem também na França, logo, sua presença é muito forte nas construções do período. Por último, Antônio Lemos tinha a visão de transformar a cidade de Belém na *Paris n'América*, esse objetivo era tão forte que, em certo ponto, Belém chegou a ser considerada mais moderna que a cidade do Rio de Janeiro (capital do Brasil na época).

3.3 Estruturas e Construção da Tipografia

Neste ponto da pesquisa foram utilizadas como base principalmente as definições de Ellen Lupton (2013), Timothy Samara (2011) e Kate Clair (2009) para referências estruturais das fontes e Fernando Caro (2007) que em sua dissertação descreve o seu próprio processo de criação de uma fonte.

Antes de tudo, para ser reconhecida como uma fonte, as letras devem ter relações visuais entre si. Um amontoado de letras não necessariamente forma uma

tipografia, “as vinte e seis letras do alfabeto romano são inter-relacionadas, um sistema fechado de linhas e espaços que forma um código para a nossa compreensão da tipografia” (SAMARA, 2011, p. 15), ou seja, caso não haja essa relação no desenho das letras, elas não podem constituir uma fonte.

Essa relação irá revelar outras características intrínsecas à tipografia, entre elas a voz da fonte. A voz funciona como um catalisador para a interpretação da mensagem.

“Cada tipo de letra tem um tom específico, capaz de acentuar o significado, subvertendo-o ou ignorando-o completamente. É uma linguagem em si mesmo. O que ele diz - se é que diz alguma coisa, afinal - depende de quem está ouvindo ou fazendo a interpretação.” (MUSEUM, 2011, p. 23).

Ou seja, a voz de uma fonte tem o poder de criar um sentido para o texto em que é empregada, podendo, por exemplo, dar um sentido diferente a um mesmo texto escrito com tipos diferentes.

O corpo de cada tipo é formado por uma quantidade bastante grande de partes, cada uma com sua função específica dentro da estrutura, deste modo o tipo pode ser identificado dentro de uma família tipográfica, trazendo unidade às letras que constituem essa tipografia. A partir disso, foram estudadas as várias partes integrantes da fonte: suas dimensões, como altura-x¹⁵, ascendentes¹⁶, descendentes¹⁷, *kerning*¹⁸ etc; suas estruturas, como hastes¹⁹, serifas²⁰, bojos²¹, arcos²², etc; e sua classificação, quanto ao estilo, peso, largura etc.

Este estudo foi de extrema importância para que assim fosse possível entender de fato o próximo passo, de como as fontes são construídas de forma prática. Utilizando como base a linha de criação de Fernando Caro (2007), de forma ampliada.

¹⁵ É a altura do corpo principal da letra minúscula, excluindo seus ascendentes e descendentes, tem esse nome pois a letra *x* é utilizada como parâmetro dessa medida.

¹⁶ Parte de letras minúsculas que ultrapassam a altura-x, alguns elementos podem estender-se levemente acima da altura versal.

¹⁷ Parte das letras minúsculas que se estendem abaixo da linha base.

¹⁸ É o espaçamento ajustados entre os caracteres, ele se faz necessário em combinações particulares, como **A** e **V**, por exemplo.

¹⁹ Traço principal de uma letra, geralmente vertical, mas que pode também ser oblíquo.

²⁰ Extensão no início e/ou fim de um caractere.

²¹ Também chamado de barriga é o traço em curva que começa e encerra em um mesmo traço do caractere.

²² Componente formado por uma linha mista em forma de bengala, que nasce na haste principal.

“O que diz a regra de desenho tipográfico é que se começa uma fonte por O, H, n, o. A partir dessas letras são desenvolvidas as outras. Depois de todo alfabeto, são desenhados os diacríticos, sinais de pontuação e, por fim, os símbolos.

As primeiras letras elegidas para se começar um tipo são as formas mais básicas e simples do alfabeto e, por isso, permitem a realização do restante do trabalho. Em uma das letras, tem-se o círculo, as formas curvas, e a outra, hastes retas verticais. [...] Nas maiúsculas são determinadas [...] as espessuras da caixa-alta, geralmente, mais espessas que a caixa-baixa. É importante que se tenha maior atenção no desenho dessas primeiras letras, pois servirão de base para as seguintes.” (CARO, 2007, p. 63)

Foram adicionadas ao estudo de criação as letras A e B, por entender-se que elas eram também parte fundamental da construção das próximas letras. Originando assim a parte executiva do projeto.

4 Criando a Fonte *La Belle*

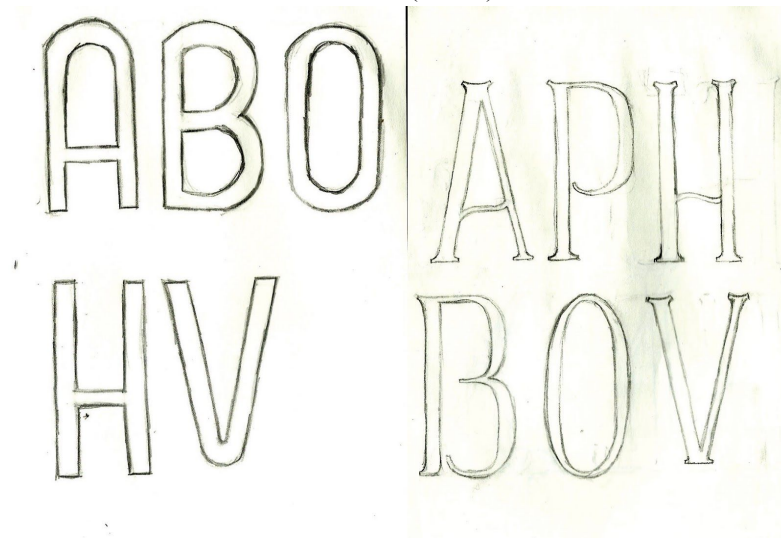
Como já dito anteriormente, a fonte criada teve como base a *Belle Époque* na cidade de Belém, e a pesquisa teórica desenvolvida e explicada ao longo do tópico anterior serviu de base para a busca prática dessas benfeitorias ainda presentes na cidade, desse modo foi realizada uma "saída fotográfica", aproveitando o Circular Campina-Cidade Velha²³, para fotografar os prédios que são oriundos desta época. Através das fotografias, duas características apareceram de forma mais marcante: os arcos plenos de portas e janelas; e os ornamentos com a temática de natureza em arremates e azulejos.

Essas duas características foram aplicadas a esboços iniciais das letras A, B, O e H. O esboço baseado nos arcos plenos tinha uma voz mais direta e simplificada, com uma imagem mais atemporal, enquanto o esboço que teve por base a temática de natureza tinha uma voz mais sofisticada, com formas que lembravam muito as letras romanas clássicas e um visual mais elegante. Ambos esboços (Figura 1) foram

²³ Evento organizado de forma independente, realizado a cada dois meses na cidade. O projeto realiza uma série de ações socioculturais nos bairros históricos da cidade, Campina e Cidade Velha, sensibilizando os participantes em relação a questões sobre o patrimônio histórico de Belém.

apresentados a outros profissionais na área e também a pessoas leigas no assunto. Essas pessoas relataram que o primeiro esboço não parecia tão clássico e era pouco relacionado com o assunto. Já o segundo era considerado mais formal, o que remetia à riqueza da época, principalmente por causa das serifas. Quando indagadas qual das duas escolheriam para falar da *Belle Époque*, quase todas as pessoas escolheram a segunda opção. O segundo esboço, então, foi selecionado para tornar-se o produto final.

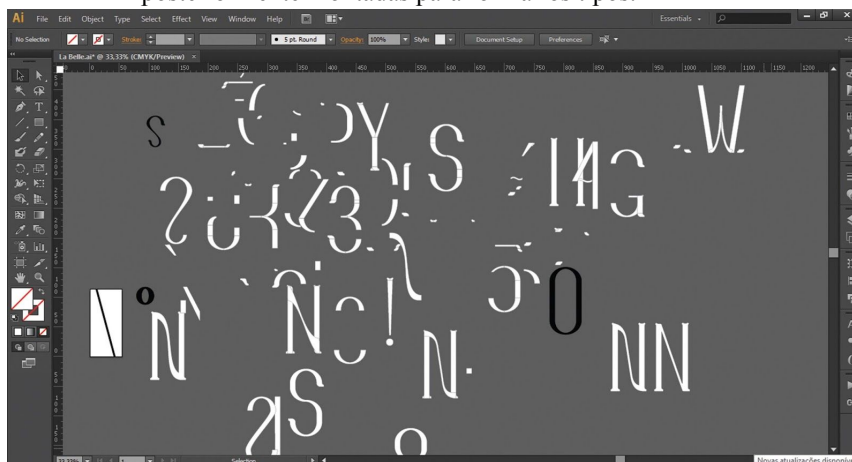
Figura 1: Os dois esboços iniciais, um baseado em arcos plenos (esquerda) e outro baseado nas formas de natureza (direita).



Fonte: Autor

A partir daí o alfabeto completo foi desenvolvido ainda como *sketch* possibilitando uma visão geral das letras e fazendo os primeiros ajustes. Esses esboços em seguida foram redesenhados em papel quadriculado, trazendo uma maior precisão de formas e proporções para só então começarem a ser passadas de fato para o computador. Para a criação dos vetores foi utilizado o programa Adobe Illustrator, nele foi montado uma espécie de quebra-cabeça (Figura 2) com cada uma das estruturas integrantes das letras, para uma maior praticidade, foram vetorizadas primeiro as letras que eram referenciais na ordem de desenho (A, B, O e H) e cada uma de suas variantes, não necessariamente em ordem. Alguns ajustes ópticos foram feitos nos vetores de cada uma das letras já montadas a fim de corrigir algumas falhas visuais na composição.

Figura 2: Na plataforma Adobe Illustrator, as estruturas das letras foram construídas e posteriormente montadas para formar os tipos.



Fonte: Autor

Após o trabalho inicial de vetorização no Illustrator, as letras foram passadas individualmente para o programa nativo de geração de fontes, o High Logic FontCreator, o que gerou um conflito de dados nos vetores, criando pontos de controle²⁴ diferentes e surgindo a necessidade novos ajustes de forma, além dos já esperados ajustes de posicionamento, entretipos e *Kerning*. Um arquivo *TrueType* foi gerado e entregue a alguns amigos para testes e detecção de possíveis falhas, que por sua vez também foram resolvidas.

O resultado final (Figura 3) foi uma fonte de aparência condensada, com grande altura versal²⁵ e hastes relativamente finas, que podem ser enquadradas como *book*. Gerando uma fonte *tittling*²⁶ principalmente por todas as letras serem capitulares. A conversa com o movimento do *Art Nouveau* inserido no contexto da *Belle Époque* de Belém mostrou-se presente de forma marcante e bastante apropriado.

²⁴ Este tipo de *software* se baseia em Curvas de Bézier, que por sua vez são curvas polinomiais expressas como a interpolação linear entre alguns pontos representativos, chamados de pontos de controle.

²⁵ A distância entre a linha base e o topo das letras maiúsculas.

²⁶ Fontes com aplicação principal em títulos.

Figura 3: Resultado final da fonte construída no software de instalação de fontes do Windows.

```
ABCDEF GHIJKL MNOPQRSTUVWXYZ ABCDEF GHIJKL MNOPQRSTUVWXYZ  
1234567890.:;`^ ( ) + * / =  
12 ABCDEF GHIJKL MNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890  
18 ABCDEF GHIJKL MNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890  
24 ABCDEF GHIJKL MNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890  
36 ABCDEF GHIJKL MNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890  
48 ABCDEF GHIJKL MNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890  
60 ABCDEF GHIJKL MNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890
```

Fonte: Autor

5 Considerações Finais

A detecção de uma lacuna na formação em Publicidade da Universidade Federal do Pará, acabou gerando uma inquietação no autor, levando-o a adentrar em um universo praticamente novo dentro da graduação. Entrar na pesquisa da tipologia foi um desafio muito grande para o autor, uma vez que criar uma fonte do zero é uma tarefa muito mais difícil do que pode parecer inicialmente, bem como pelo fato de boa parte da técnica adquirida ao longo do trabalho foi por meio autodidata, através de artigos sobre o assunto, vídeos tutoriais e principalmente tentativa e erro. Apesar de outros trabalhos referentes à tipografia já terem sido desenvolvidos no curso de Comunicação da UFPA, este foi o primeiro que entrou na criação de um tipo, abrindo caminho para novas pesquisas e servindo de base para trabalhos futuros.

O trabalho também gerou frutos mais consistentes, como o próprio produto da pesquisa, a fonte *La Belle*, que ainda não foi oficialmente liberada. Outro produto do estudo foi a oficina de criação de tipografias, durante a Semana do Calouro da UFPA, nela o autor pode repassar um pouco do conhecimento adquirido ao longo do projeto para outros alunos do curso de Comunicação Social da universidade e também motivar esses novos estudantes a pesquisar mais sobre o assunto.

Referências Bibliográficas

- CARO, Fernando Moraes; **Desenvolvimento de uma fonte tipográfica para composições de textos em jornais**. 2007. 155 f. Dissertação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.
- CLAIR, Kate; **Manual de Tipografia: a história, as técnicas e a arte** / Tradução Joaquim da Fonseca. - 2. ed. - Porto Alegre: Bookman, 2009.
- MUSEUM, **Design; Como Criar em Tipografia** / Tradução Elisa Nazarian - Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.
- FONSECA, Joaquim da; **Tipografia e Design Gráfico: design e produção gráfica de impressos e livros** / Joaquim da Fonseca. - Porto Alegre: Bookman, 2008.
- HIGOUNET, Charles; **História Concisa da Escrita** / Tradução Marcos Marcionilo - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- LUPTON, Ellen; **Pensar com Tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes 2a revisão revista e ampliada** / Tradução: André Stolarski - São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- SAMARA, Timothy; **Guia de Tipografia: manual prático para o uso de tipos no design gráfico** / Tradução técnica: Priscila Lena Farias - Porto Alegre: Bookman, 2011.
- SARGES, Maria de Nazaré; **Belém: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912)** / Maria de Nazaré Sarges. - Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SOARES, Karol Gillet; **As Formas de Morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)** 2008. 247 folhas. Dissertação. Universidade Federal do Pará - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Faculdade de História. Belém, 2008. PDF Digital.